

(GEO)EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA LITERATURA

Female (Geo)experiences in Literature

Beatriz Santos de Souza¹

RESUMO

A narrativa da existência feminina ao longo do tempo foi sendo traçada, majoritariamente, por mãos masculinas. Entretanto, é necessário que elas sejam as autoras e não meras personagens representadas segundo uma visão do outro. Virgínia Woolf em *Um Teto Todo Seu* e Hélène Cixous em *O Riso da Medusa*, fazem uma espécie de chamado para que as mulheres reconquistem o protagonismo de sua narrativa. Sendo uma das várias expressões, a Literatura permitiu essa autonomia. Reforça sua (geo)experiência. O *I Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* realizado no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – UECE em 2022 proporcionou uma imersão literária feminina em evidência: mulheres, em sua maioria da periferia da cidade de Fortaleza – CE, que produzem uma literatura fora do cânone repleta de geografias e uma reafirmação de si enquanto mulheres. Entre as várias convidadas do evento, a coletiva BaRRósas poesia, através de sua mais recente coletânea de poesias *baRRósas: memória e poesia* (2021) permitiu ir a fundo em uma escrita contemporânea feminina. Trazer essas mulheres, seus corpos e sua escrita é mostrar que podemos chegar até elas e dar espaço para as suas (geo)experiências.

Palavras-chave: (geo)experiência. Geografia literária. BaRRósas.

ABSTRACT

The narrative of female existence over time was mostly traced by male hands. However, it is necessary that they are the authors and not mere characters represented according to a vision of the other. Virgínia Woolf in *Um Teto Todo Seu* and Hélène Cixous in *O Riso da Medusa*, make a kind of call for women to regain the protagonism of their narrative. As one of several expressions, Literature allowed this autonomy. It reinforces your (geo)experience. The 1st *Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* held at the Humanities Center of the Universidade Estadual do Ceará – UECE in 2022 provided a female literary immersion in evidence: women, mostly from the outskirts of the city of Fortaleza - CE, who produce literature outside the canon full of geographies and a reaffirmation of themselves as women. Among the various guests at the event, the BaRRósas poetry collective, through its most recent collection of poetry *baRRósas: memória e poesia* (2021), allowed us to delve deeper into contemporary female writing. Bringing these women, their bodies and their writing is to show that we can reach them and make room for their (geo)experiences.

Key-words: (geo)experience. Literary geography. BaRRósas.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: beamgsouza@gmail.com
CADERNOS PET, V. 14 , N. 27



Por uma escrita de mulheres

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo e na história –, por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p. 41)

Partindo do incômodo da ausência de vozes femininas na literatura, Hélène Cixous tece uma obra ensaísta referencial sobre o protagonismo das mulheres na escrita. A epígrafe que inicia este trabalho de reflexão é o primeiro contato do leitor com a obra de Cixous e concordamos com ela quando convida as mulheres a se escreverem e se tornem parte da palavra.

A narrativa da existência feminina foi sendo traçada por mãos masculinas, no qual elas eram representadas por “Uma história repleta de estórias, cujas narrativas sempre nos colocam como um mal, um defeito, um Ser para fora do bem maior, do sublime” (AMITRANO, 2020, p.13). O que sabíamos da existência das mulheres era fruto de uma tradição construída por homens:

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. [...] De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (WOOLF, 2019, p.09-10)

É necessário que as mulheres sejam as autoras de suas narrativas e não meras personagens representadas segundo uma visão do outro. Apesar dos rastros deixados, capazes de compor a trajetória da sua existência, elas foram “confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2019, p. 16). Esse silêncio não envolve apenas as mulheres como também “o continente perdido de vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade” (PERROT, 2019, p. 16) Mas, é nelas que recai o peso maior da obscuridade. Há casos onde a omissão surge da própria fonte, pois como aponta Perrot:

Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra. (PERROT, 2019, p. 17).



Mas, lembremos das palavras de Virgínia Woolf em *Um Teto Todo Seu*:

Contanto que você escreva o que tiver vontade de escrever, isso é tudo o que importa; e se isso importará por eras ou horas, ninguém pode afirmar. Mas sacrificar uma ínfima parte de sua visão, uma só de suas nuances, em deferência a um diretor qualquer com um troféu prateado nas mãos ou a um professor qualquer com uma fita métrica na manga é a mais abjeta das traições; e o sacrifício de riqueza e castidade que era tido como o maior dos desastres humanos é um nada em comparação. (WOOLF, 2014, p.149).

Podemos resumir esse alerta de Virgínia Woolf em: Escrevam! Independente do que digam, do que questionem, do que apontem, apenas escrevam. Se ponham nas palavras escritas. Tanto Virgínia Woolf como Hélène Cixous, usaram seus textos para instigar uma escrita sobre mulheres feita por mulheres. Escrita essa fundada partir de suas geografias, aqui nos referimos a com g minúsculo, constituída todos os dias enquanto seres no mundo.

Mas, voltemos brevemente à um questionamento feito pela própria Virgínia Woolf em seu ensaio *Profissão para mulheres*: “De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para o homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer” (WOOLF, 2020, p. 17). Compartilhamos dessa reflexão pois, apesar dos avanços obtidos na condição feminina em alguns lugares do mundo – aqui listamos: direito a estudar, direito a trabalhar, direito a votar, direito a decidir as coisas para si – ainda vagam fantasmas que dificultam a ascensão total das mulheres enquanto indivíduos autônomos.

Algumas conseguiram ultrapassar os obstáculos postos por esses fantasmas e fizeram da Literatura uma ferramenta de denúncia e voz em meio a um silenciamento forçado. No Brasil, tivemos Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), com seu livro *Direitos das Mulheres e injustiças dos homens* (1832); Maria Firmina dos Reis (1822-1917) a primeira romancista negra, com seu livro *Úrsula* (1859); Cora Coralina (1889-1985), poetisa que escrevia desde a adolescência, mas apenas aos 76 anos, publicou o primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965); Patrícia Galvão (1910-1962), que foi militante política e, em 1933, publica *Parque Industrial*, além de várias outras mulheres que poderíamos preencher inúmeras páginas com seus feitos literários.

Elas escrevem e pela escrita reafirmam sua existência. Porém, ainda vaga um alerta de que “É fatal para uma mulher dedicar o mínimo esforço a qualquer luto, defender mesmo que com justiça a causa que for falar conscientemente como mulher em qualquer



situação” (WOOLF, 2014, 146).

As mulheres tiveram a coragem de transformar em palavras as suas geograficidades, mesmo sabendo dos riscos em tornar público a sua condição de existência. E como já nos disse Jorge Larrosa: “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras” (BONDÍA, 2002, p.21). A palavra reforça a existência da mulher no espaço.

Essa existência é “[...] simultaneamente corporificada e espacial e isso pressupõe considerar as diferenças dos corpos que são componentes do processo” (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.104). Habitamos um mundo de diferentes corpos femininos: cis, trans, brancos, negros, indígenas... E todos eles são:

[...] capazes de criar as condições de sua existência cotidiana, de reproduzir outros corpos e vivenciar estágios corporais como a juventude, velhice, saúde, doença e deficiência que instituem, por sua vez, distintas espacialidades (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.105)

Essa existência não se limita às espacialidades, ela também envolve as geograficidades; conceito concebido pelo geógrafo Eric Dardel (2015, p. 01), que significa o “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à terra [...]”. Enquanto uma experiência de diferentes corpos no espaço, podemos então nos referir a isso como (geo)experiência. O corpo é o nosso primeiro e mais íntimo lugar no mundo.

Como tornar visível essas (geo)experiências? Para buscar uma resposta, concordamos com Dozena (2020, p. 286) ao afirmar que as artes como um todo possibilitam a formação de uma geografia existencial e subjetiva e os artistas “[...] fazem arte com o espaço e não só no espaço, apreendendo-o subjetivamente”. A Geografia, agora tratando da com G maiúsculo, a enquanto ciência, pode se aproximar ainda mais das artes e das geografias traçadas cotidianamente, pois o olhar do artista pode avivar o olhar do geógrafo.

Afunilando o leque de manifestações artísticas, a Literatura, como fonte de estudos geográficos, pode nos proporcionar uma avaliação da originalidade e personalidade dos lugares, sempre associada ao espaço vivido. No momento em que unimos a Geografia e a Literatura, nos é possibilitada a compreensão material e simbólica



dos lugares (MARANDOLA JR. e OLIVEIRA, 2009), como também dos próprios corpos, cada qual com sua linguagem própria e visão de mundo específica.

Não devemos esquecer que o texto literário nos diz muito mais do que está escrito, as entrelinhas guardam mensagens maiores. Ler é um ato complexo e exige uma imersão profunda. No vasto campo da Geografia e Literatura existem *terrae incognitae* a serem exploradas, como bem nos instigou John Wright. Existem outros corpos femininos compondo suas (geo)experiências.

Hoje, presenciamos movimentos de mulheres que fazem da Literatura ferramenta de trabalho e afirmação de existência. Poemas, contos, crônicas e outros gêneros literários evocam narrativas de corpos diversos. Se anteriormente eram confinadas no esquecimento ou suas produções eram restritas, agora às vemos se colocando nos textos. São elas quem escrevem sobre e com seus corpos, deixando de ser outro para tornar-se Ser.

Imergindo nas (geo)experiências de mulheres

Em março de 2022, a Universidade Estadual do Ceará - UECE realizou o *I Colóquio Palavra-Mulher: de uma escrita feita por mulheres* e no decorrer de um dia imergimos no cenário literário feminino cearense. As convidadas trouxeram falas pertinentes que colocaram em voga o protagonismo das escritoras e o quanto a literatura às afirma enquanto Ser.

Estruturado em quatro mesas temáticas: 1) Periferia mulher: iniciativas protagonizadas por mulheres nas periferias de Fortaleza - CE; 2) Escritas emergentes: o protagonismo das coletivas de mulheres na cena cultural cearense; 3) Autoras independentes: onde chega a sua literatura? E 4) Qual literatura-mundial? Teoria a contrapelo de uma poética de resistência; O *I Colóquio Palavra-mulher: de uma escrita feita por mulheres* explorou o leque variado de escritoras atuantes em Fortaleza. Cada mesa abriu caminhos de discussões e relatos pertinentes acerca do papel das mulheres na Literatura.

Jose Honorato Batista Neta, poeta da coletiva Elas Poemas, educadora popular e social, poeta e performer nas áreas de teatro e dança, foi uma das convidadas da mesa intitulada *Escritas emergentes: o protagonismo das coletivas na cena cultural cearense*.



Em um dado momento da fala, ela afirma que quando alguém as enxergam os caminhos se abrem. Isso soou como um chamado, uma convocação para enxergar aqueles diversos corpos e suas geografias.

Raíssa Éris Grimm, poeta, baixista, psicoterapeuta, autora do livro *Sapa Profana* publicado em 2018 pela Padê Editorial, esteve na mesa *Autoras Independentes: onde chega a sua literatura?* No momento em que ela alega que a poesia lhe nomeia, novamente enxergamos a capacidade da palavra em sustentar a existência das mulheres.

A Literatura não se resume ao livro impresso. Ela envolve existências. Podendo nomear e dar voz aos que foram silenciados. Tanto Raíssa como Neta enxergaram na poesia, o gênero literário explorado por elas, um caminho para Ser.

O evento enfatizou que a Literatura saiu do centro canônico e chegou até a periferia. As coletivas de escritoras possuem papel importante nesse fenômeno. Buscando espaço na cena literária, diferentes mulheres enxergaram na coletividade a força necessária. Um exemplo de coletiva atuante na cidade de Fortaleza, e que esteve presente no colóquio, é a Coletiva baRRósas.

Movidas pela inquietação da ausência de mulheres no Slam Violeta – batalha de poesia do Conjunto Violeta (localizado no Bairro Barroso em Fortaleza-CE) – um grupo de escritoras decidiu que era o momento de criar um sarau no bairro formado apenas por mulheres. Com o decreto da pandemia da COVID-19 a ideia teve de ser adiada, mas outros caminhos foram pensados e assim surgiu o perfil baRRósas poesia na rede social *Instagram*. Um detalhe interessante diz respeito ao nome da coletiva que se trata do bairro Barroso no feminino (SONAST; TEIXEIRA, 2021).

Composto atualmente por 11 mulheres: Anna Silva, Bruna Sonast, Fernanda Teixeira, Gessica Gomes, Hevila Coelho, Karyla Freitas, Lais Eutália, Lúcia Viana, Ruth Lima, Sablina Cavalcante e Syna; a coletiva baRRósas tem como objetivos:

[...] trazer visibilidade para a(s) literatura(s) e demais práticas feitas por mulheres, que se reconhecem sob a perspectiva de representatividade “mulher”. Buscamos incentivar/valorizar as práticas artísticas de mulheres em todas as nossas vivências enquanto coletiva. Somos uma coletiva autônoma, que (re) existe, possibilitando momentos de união e de fortalecimento para todas nós que a compomos, além de também buscar possibilitar espaços de liberdade e de esperança para outras mulheres. Agenciamos, assim, vivências que buscam contribuir, cada vez mais, no que diz respeito, principalmente, ao enfrentamento de problemáticas estruturais que perpassam nossas realidades, como o machismo, o racismo, a transfobia, entre outras (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 05-06).



Os objetivos da coletiva reforçam o que colocamos anteriormente sobre a Literatura reafirmar a existência das mulheres. Em 2021, pela Selo Mirada, a arte literária produzida pelas poetisas da baRRósas foi compilada na coletânea *BaRRósas: memória e poesia*. Os escritos apresentam uma Literatura onde as mulheres evocam seus corpos e experiências reais. Indo desde a visão negativa do ser mulher, construída pelas narrativas de outros, transitando pela exaltação de si, as poetisas se colocam nos textos e permitem que outras se identifiquem com os versos.

Para esse escrito foram escolhidos quatro poemas da coletânea que evidenciam essa corporeidade feminina na literatura e a escrita de si. O primeiro, titulado *Bixa de 7 cabeça*, foi criado pela poeta Sablina Cavalcante:

Pode ser por ela ser mulher demais
menina demais
gostosa demais
mãe demais
trabalhadora demais
gorda demais
magra demais
bonita demais
feia demais
preta demais
trans demais
sapatão demais

O bicho de 7 cabeças pode ser tudo
e nada.
Por isso, se refaz,
revira-se.

Nós não decapitamos cabeças,
ressignificamos!
Para não deixar de existir!
Para reexistir!

Pois bem,
o bicho de 7 cabeças torna-se a bixa de 7 cabeças,
que doma a sua sina,
que grita a sua palavra,
que erra a sua vírgula,
que dança com a sua insegurança,
que desfaz a métrica,
que erra,
que acerta,
que escreve,
poesia ou não
diários ou não.
Que escreve!



A bixa de 7 cabeças
colocou o bicho de 7 cabeças para dormir,
o sono profundo
das coisas que não precisa estarem acordadas.

A bixa de 7 cabeças
não precisa estar pronta para tudo,
porque o excesso de prontidão
mata o mínimo de humanidade
que respira em cada uma de nós.

E o medo também pode ser amigo...
Quando a gente escreve sobre ele!

Não se cale! (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 19-20).

Nesse poema, interpretamos que Sablina Cavalcante trata do significado dado à mulher. Enxergadas antes como seres difíceis de lidar, temperamentais, enigmas sem solução, as mulheres tornaram-se bixas de sete cabeças, como lido no poema. O começo nos lembra o que foi apontado por Amitrano (2020) no que diz respeito às narrativas sobre as mulheres enfatizarem o mal que circunda esse Ser. Porém, as palavras da poeta invertem a situação quando colocam tal figura como um indivíduo de carne que vive, erra, acerta e escreve.

Acreditamos também que o poema vem quebrando o mito da mulher guerreira construído sobre a figura da feminina. Quando lemos “A bixa de 7 cabeças /não precisa estar pronta para tudo, /porque o excesso de prontidão /mata o mínimo de humanidade que respira em cada uma de nós”, ela afirma ao leitor que a mulher é um ser que sente medo, raiva, que possui vulnerabilidades, mas sem deixar esquecer que ela não se define a somente isso. Como a própria Sablina Cavalcante escreve, “Nós não decapitamos cabeças, /resignificamos! /Para não deixar de existir! /Para reexistir!”. As mulheres mutam-se para permanecer em existência.

Amitrano (2020) frisa que o corpo feminino, que desde sua maternidade é visto como divindade e pecado, se apresenta enquanto outridade absoluta diante do corpo masculino. Por se mostrar dessa maneira, esse Ser está passível às diferentes mutilações e violações. Isso nos leva ao poema de Gessica Gomes, *Moldes Coloniais*:

me despir das vestes nunca foi fácil,
quando me já foi tirada a inocência
em silêncio sutilmente violada
esperei a cura com o tempo
e me entreguei aos amores como antídoto



o efeito se transformou em dor
me despir das vestes nunca foi fácil,
quando o meu corpo era abominado
hipossexualizado
rechaçado em meio à canalhices
criadas pela minha própria concepção de beleza
me despir das vestes nunca foi fácil
quando o meu corpo é
admirado
hiperssexualizado
penetrado de forma invisível por olhos e
gestos
sujo por gozo inconveniente provindo da condição em
privilégio (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 41).

Quando não lidas pelo seu temperamento, as mulheres são definidas pela carne que as reveste. O corpo é o primeiro e mais íntimo lugar no mundo, mas no momento em que “Este espaço que é considerado próprio, quando violado, é narrado como perda do controle de algo importante [...]” (CAMPOS; SILVA; SILVA, 2020, p.109). Esse sentimento é percebido nas palavras da poeta. Seu corpo, seu lugar íntimo, foi invadido. Lê-se ao longo do poema que toda a particularidade que havia na sua carne foi perdida.

Ainda sobre o texto de Gessica Gomes, vemos que a violação ao corpo não está restrita à atos físicos. Apenas um olhar se faz necessário para que haja o desconforto. O poema reforça a afirmativa de Amitrano (2020) de que ser mulher já implica violação e não apenas ao corpo como em sua existência. *Moldes Coloniais* e *Bixa de 7 cabeça*, são poemas que narram a vivência de um corpo exposto a mutilações constantes. Exibem o lado de dor e medo que envolvem a existência feminina, sem eufemismos para encobrir os sentimentos reais.

A figura feminina é sábia e isso assusta o indivíduo masculino (AMITRANO, 2020). Essa sabedoria se transforma em força quando confrontadas e o poema *Outra História*, da poeta Syna, trata esse lado destemido da mulher:

O que fazer quando tudo só piora?
Se mesmo que a literatura me tire do tiro da viatura
Pra onde eu corro se o tiro da ditadura me fuzila com a
milícia
E nem se dá ao trabalho de pedir desculpa... pelas
incontáveis mortes nas ruas
Onde tá a cura?
E o nosso dinheiro?
Roubando mesmo numa hora dessas



Nunca tiveram respeito
 Não sabem o que é desespero
 Nunca viram uma mãe rezando e chorando de joelhos
 Mas vocês são só sujeitos
 Não pensem que muitos vão chorar nos seus leitões
 E quando tudo isso acabar
 É aí que o jogo vai virar
 As guilhotinas já foram afiadas
 a cada propina repassada
 a Bastilha já está tremendo
 as mulheres já estão armadas
 o conto de fadas de vocês acabou
 agora um jovem negro da periferia é o novo narrador
 desde sempre brancos como vocês se diziam nossos
 [reis]

mas vou perguntar só uma vez
 esse castelo foi você quem fez? (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 59-60).

O poema de Syna evoca o lado de força que o feminino possui. Quando ela proclama “a Bastilha já está tremendo /as mulheres já estão armadas /o conto de fadas de vocês acabou”, entendemos que há um rompimento da ideia de mulher na passividade e ela agora se encontra no meio do confronto. A periferia, lugar de onde ecoa a voz dessas poetisas, agora possui uma nova narradora.

A energia transmitida pelas palavras de Syna nos lembra a mulher na forma da deusa Oxum, “[...] aquela que não se submete. E se tem ardis, os usa são para provar ao mundo masculino que sem sua capacidade de pensar e gerar, nada será possível” (AMITRANO, 2020, p.141). *Outra História* é um poema onde se percebe a saída da figura feminina do lugar de submissão, o conto de fadas.

À medida que as mulheres foram conquistando o teto somente seu, parafraseando aqui Virgínia Woolf, sua escrita foi avançando de modo a trazer narrativas de denúncia, com uma aspereza de palavras necessárias para romper com a imagem de que a escrita de mulheres é somente doce, serena e romântica. Além disso, há o desejo basilar de que tais palavras sejam lidas e difundidas. A poeta reflete isso com o poema citado. Ela manifesta seu descontentamento através da escrita.

Escrever pode ser um ato íntimo como também libertador. As poetisas da coletiva baRRósas exprimem ambos os sentimentos. À medida que suas produções perpassam o sentimento de liberdade e autonomia, elas também são frutos de reflexões íntimas. O poema *Anotações de um velho caderninho* da poeta Lais Eutália exemplifica o que estamos tratando:



anotações de um velho caderninho.

fortaleza, 25 de junho de 2016.

estou lendo um diário.
é o diário de maura lopes, que viveu internada no hospício
de engenho de dentro por longos anos. confesso que
é uma leitura instigante.
talvez eu comece a escrever um diário também.
quem sabe daqui pra quando eu morrer seja publicado e
vire livro.
pretendo me eternizar nesse mundo de algum jeito.
escrever é bom. liberta. mesmo que canse os dedos.
tento entender o que me transtorna.
até tenho vaga noção a respeito, mas e aí?
o que fazer diante disso?
*
quero escrever,
ser som que finca
feito tatuagem
na carne dos que me lêem
*
em 2021: quem diria que a escrita sem futuro regada a
vinho barato daria frutos, né?! (SONAST; TEIXEIRA, 2021, p. 76-77).

Como discutido no começo, as mulheres não deixavam resquícios de sua narrativa de vida sendo, em alguns casos, elas mesmas a apagarem os rastros. Virgínia Woolf em seu *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (2020) comenta que por muito tempo as mulheres foram espelho entre o artista e o que era desconhecido, servindo de musa inspiradora e criatura. Para que se tornasse a criadora ela precisaria matar o “anjo do lar”, a criatura doce que está diante dela segurando o espelho, para bater de frente com a sombra, o outro lado anjo, o da rebeldia e desobediência.

Essa reflexão de Woolf (2020), nos leva ao que discute Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (2016) sobre a experiência vivida da mulher casada e da mãe. Casamento e maternidade são destinos impostos às mulheres. Confinadas no ambiente doméstico, sob a vigilância do tal “anjo do lar” de Virgínia Woolf, “[...] o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com ele [o homem]; confina-a na imanência” (BEAUVOIR, 2016, p. 217). O lar se torna o seu lugar na terra e o trabalho doméstico a sua realização e justificativa social. Atrelada à maternidade, sua existência se justifica na gestação de um outro. Ela não é tida como ser importante.

Essa breve explanação do anjo do lar e a função da mulher no casamento e na maternidade é para que entendamos a relevância no ato de escrever. Lais Eutália exprime essa libertação e o desejo em se fazer voz que fica. Ler palavras como a da poeta, expõe



uma nova situação onde as mulheres podem encontrar a realização em outros atos que não sejam matrimônio e maternidade.

Um teto seu, um papel e uma caneta, foram os materiais que Laís Eutália precisou. A insegurança no que se faz ainda paira no cotidiano de mulheres, tanto que a própria autora encerra o poema com: “em 2021: quem diria que a escrita sem futuro regada a /vinho barato daria frutos, né?!” Podemos deduzir que Laís Eutália ultrapassou os limites do “anjo do lar”. Enquanto mulher, é esperado dela um curso de vida. Entretanto, ela buscou o outro lado do anjo e, como um de ato de rebeldia, ela escreveu.

Hoje elas são as criadoras

Vimos que fazer Literatura pode ser um ato revolucionário na existência de uma mulher. Com a escrita lhes pertencendo, elas podem ser as narradoras de suas histórias. Antes, criaturas e musas inspiradoras e hoje, criadoras. Com feitos individuais e/ou coletivos, elas vão conquistando espaços que outrora não ocupavam. O *I Colóquio Palavra-Mulher: de uma escrita feita por mulheres* reuniu parte dessa geração de mulheres que almejam na Literatura o caminho para eternizar suas geografias.

As poetas da coletiva baRRósas estão tecendo sua própria narrativa. A coletânea *BaRRósas: memória e poesia* reúne as espacialidades e geograficidades presentes na vida de cada uma delas. Seus poemas fortalecem a existência de seus corpos, e lhes dão autonomia para contar sua própria existência. Enquanto corpos que habitam lugares, e neste caso os lugares periféricos da cidade de Fortaleza, elas constroem suas (geo)experiências e as transformam em palavra.

Estando fora do cânone e do radar grandes editoras, essas escritoras necessitam de um esforço maior para publicar e difundir a Literatura que produzem. A coletividade, nesse momento, se torna fundamental para garantir a permanência delas nessa arte; buscar apoio independente para a publicação das obras e fortalecer a produção de mulheres nas periferias.

Portanto, é nessa Literatura que a Geografia também deve chegar. Nessas escritoras que buscam alguma eternidade por meio da palavra escrita. Evidenciar essas mulheres, seus corpos e sua escrita é dar espaço para as suas (geo)experiências pois, são essas geografias a margem que vão revigorar o centro da Geografia com G maiúsculo.



REFERÊNCIAS

AMITRANO, Georgia. **Querendo ou podendo ser Lilith**: mulher um ser-outro. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. *E-Book*.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CAMPOS, Mayã. Polo. de; SILVA, Joseli. Maria.; SILVA, Edson. Armando. 'Teu corpo é o espaço mais teu possível': Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 101–114, 2021. DOI: 10.5418/ra2020.v16i31.10750. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/10750>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOZENA, Alessandro. Horizontes geográfico-artísticos entre o passado e o futuro. In: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020. p. 375-396. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31287>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 3, n. 34, p. 487-508, dez. 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

SONAST, Bruna; TEIXEIRA, Fernanda (org.). **BaRRósas**: memória e poesia. Recife: Selo Mirada, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1OmZOk7LkmmuRyhya2QBZUncThh1iHto_/view. Acesso em: 20 jun. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e Ficção**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&M Pocket, 2020.